

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS



A construção identitária e de laços sociais no *Facebook*

FSL0115 – Persistência e Mudança Social

Docente: Alexandre Abdal

Discentes:

Murilo Motta (9775404)

Gabriella Grolla (9775359)

São Paulo, 2017

1. Introdução: o indivíduo na pós-modernidade

Oferecer uma definição clara e objetiva de “pós-modernidade” não é uma tarefa fácil: o debate acadêmico sobre o conceito ainda está em voga e as conclusões já existentes, não raro, divergem.

Harvey (2001) pensa a condição pós-moderna enquanto um modo de vida compartilhado pelas gerações mais recentes. Isso implica que o conceito faz parte da cultura, ou seja, é algo pré-reflexivo que é internalizado pelos indivíduos.

Enquanto movimento de resposta à Modernidade, critica as certezas totalizantes, a supremacia da cientificidade e da racionalidade, bem como a crença no progresso que caracterizaram aquele movimento histórico.

Quatro características deste “modo de vida” são geralmente aceitas: (i) a crise das narrativas totalizantes; (ii) a integração da produção cultural ao mercado; (iii) a separação entre significado e significante; e (iv) a fragmentação da personalidade.

Nesse sentido, ainda é Harvey quem escreve sobre a busca individual do impacto instantâneo como característica das gerações “pós-modernas”, o que leva a uma perda de profundidade no significado das ações sociais – analogia muito pertinente ao modo como utilizados as redes sociais. Segundo Castro & Huhtala (2008), o desenvolvimento do sistema capitalista “acarretou em uma degradação do ser para o *ter* e deste, para o *parecer*, do qual o *ter* efetivo deve extrair seu prestígio imediato e sua função última”.

É partindo desses conceitos que buscamos enquadrar as redes sociais, especificamente o Facebook, enquanto símbolos dessas características e, portanto, objeto de estudo relevante para entender-se o indivíduo pós-moderno.

2. Capital social e construção identitária em Bourdieu

Pierre Bourdieu (1930-2002) baseou grande parte de seus estudos sociológicos na crítica às perspectivas funcionais e estruturalistas, que fazem análises deterministas da vida individual. Ele buscou se situar no meio caminho do dilema entre agência e estrutura social, privilegiando a dimensão das práticas sociais enquanto seu objeto de estudo, e a visão da sociologia como uma ciência relacional.

A prática social é, então, definida como produto de uma relação dialética entre uma situação, objetivamente estruturada, e um *habitus* -- outro conceito do

autor -- que faz referência ao plano simbólico interiorizado pelos indivíduos e que constitui sua personalidade enquanto gostos, afinidades e, mesmo, ojeriza compartilhados por um grupo social. O *habitus* é definido por Bourdieu (1976) como “um sistema de disposições duráveis e transponíveis que exprime, sob a forma de preferências sistemáticas, as necessidades objetivas das quais ele é o produto”. Ou seja, uma determinada posição social produz um *habitus* específico, que são mutuamente sustentados.

Ainda assim, mesmo que sigam uma lógica específica, os *habitus* abrangem “práticas infinitamente diversas e imprevisíveis em seu detalhe singular, mas sempre encerradas nos limites inerentes às condições objetivas das quais elas são o produto e às quais elas estão objetivamente adaptadas” (BOURDIEU & SAINT-MARTIN, 1976).

Outro conceito de Bourdieu que será importante para nossa análise é o de capital social: ele compreende o “conjunto de recursos potenciais que estão presentes nas relações entre as pessoas, associados ao pertencimento a uma coletividade” (RECUELO, 2007) e que podem ser transformados pelo indivíduo em outros capitais, como econômico ou cultural.

Bourdieu escreveu que a manutenção do capital social por alguém requer contínuo investimento, uma vez que requer o esforço de sociabilidade para a manutenção de relações interpessoais. Ele seria, então, “um conjunto de recursos de um determinado grupo, obtido através da comunhão dos recursos individuais, que pode ser usufruído por todos os membros do grupo, e que está baseado na reciprocidade” (RECUELO, 2007). É neste sentido que o autor considera problemática a obtenção de capital por meios “artificiais”. Entretanto, na próxima seção defenderemos que as redes sociais permitem isso.

Estes conceitos são importantes para se entender a estruturação de identidades e de laços sociais; para o autor, as classes que podemos recortar no espaço social não existem como grupos reais, embora expliquem a probabilidade de se constituírem em grupos práticos, famílias, clubes, associações e, mesmo, movimentos sindicais ou políticos. Isso se dá pelo *habitus*, o compartilhamento de um mesmo plano simbólico (preferências, desgostos, modos de interpretação do mundo) pelos indivíduos; a comunhão destes indivíduos cria capital social através das interações interpessoais.

A construção identitária, para Bourdieu, se dá principalmente pela diferenciação entre os grupos sociais diversos (SERPA, 2005), através de *habitus* e práticas sociais diferentes. Defenderemos que o *Facebook* é um ambiente propício para esse processo, apresentando suas particularidades enquanto “ciberespaço”.

3. A construção identitária e de laços sociais no *Facebook*

O *Facebook*, enquanto rede social de comunicação e compartilhamento de fotos, vídeos e textos, pode ser enquadrado na definição de Bourdieu apresentada por Ortiz (1983) da comunicação enquanto “interação socialmente estruturada”, ou seja, no campo onde se dá tal compartilhamento de informações as posições sociais já se encontram objetivamente estruturadas.

A construção de identidades, portanto, que se baseia principalmente na diferenciação entre os indivíduos e grupos sociais, também se dá em um campo de posições sociais já estruturadas – no caso, o *habitus* de classe.

Nosso argumento é que as redes sociais permitem uma aparência de distinção ainda maior que a vida real, uma vez que na “realidade virtual” é mais fácil a manutenção de uma aparência que não condiz com a realidade. Ainda assim, o *habitus* continua sendo a base da construção identitária, corroborando sua identificação a gostos que atestam a veracidade da imagem que o indivíduo deseja representar.

Nesse sentido, Carrera (2012) afirma que “o uso do *Instagram* para a postagem de fotos no *Facebook* permite a adequação a determinados padrões de comportamento que são atrelados a grupos sociais valorizados positivamente, revelando o ator como fiel representante desta associação seleta de pessoas” – e de seu *habitus*.

Podemos pensar, a título de exemplo, no movimento de “ostentação” que perpassa as postagens de jovens, principalmente aqueles de menor renda ou em ascensão social, que, muito além de representar o capital econômico destes indivíduos, atesta seu pertencimento a um padrão sócio-econômico mais elevado, que é valorizado. Como enuncia a autora: “o ator busca adequar-se às expectativas da sua rede de relações, construindo a imagem de si através dos recursos disponíveis no ciberespaço” (CARRERA, 2012).



Ao mesmo tempo, o próprio rechaço a estes valores e ao uso das mídias sociais em si servem como forma de construção identitária, a partir de sua reapropriação. Desse modo, o próprio desvio do *status quo* das dinâmicas sociais mais recentes é uma forma de distinção.

Todo esse processo de construção identitária se associa à busca de capital social e ao enquadramento em grupos específicos. As redes sociais permitem algo que não foi previsto por Bourdieu: “como é possível gerar conexões pelo simples apertar botões, muitos usuários passam a ter acesso ao capital do grupo sem precisar investir o tempo e o esforço na construção dos laços sociais” (RECUERO, 2007).

É neste sentido que defendemos o Facebook enquanto veículo eficiente para a criação e manutenção de capital social, contrariando, de certa forma, Bourdieu. A problemática central é que a socialização destas pessoas apresenta suas particularidades; há grupos criados no Facebook, a título de exemplo o famoso “Lana Del Rey Vevo (LDRV)”, que agrupam as mais diversas pessoas que, neste ambiente digital, compartilham com, até então desconhecidos, desde histórias e fotos de sua família, até de encontros sexuais. Periodicamente organizam festas e encontros entre os membros, espalhados geograficamente, constituindo um bom espaço de *networking* e divulgação da própria imagem.

Essa facilidade de interação, entretanto, pode ser fruto de problemas no longo-prazo: a fragmentação identitária está muito relacionada a esses processos de mudanças superficiais como resposta a pressões sociais de integração a um *status quo*.

4. Referências

BOURDIEU, P. e SAINT-MARTIN, M. *Goffts de classe et styles de vie*. (Excerto do artigo "Anatomie du gofft".) Actes de la Recherche en Sciences Sociales, nº 5, out. 1976, p. 18-43. Traduzido por Paula Montero.

CARRERA, Fernanda. *Instagram No Facebook: Uma Reflexão Sobre Ethos, Consumo E Construção De Subjetividade Em Sites De Redes Sociais*. ANIMUS, Revista Interamericana de Comunicação Midiática, v. 11 n. 22, 2012.

CASTRO, J. M. de & HUHTALA, F. R. L. *Espetáculos E Fantasias Na Era Das Simulações: Reflexões Sobre Redes Sociais Virtuais No Caso Do Orkut*. Revista Habitus - IFCS/UFRJ Vol. 6 – N. 1 – Ano 2008.

HARVEY, D. *A Condição Pós-Moderna : Uma Pesquisa sobre as origens da Mudança Cultural*. São Paulo: Ed. Loyola, 2001.

ORTIZ, R. (org.) *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

RECUERO, Raquel. *Dinâmicas de Redes Sociais no Orkut e Capital Social*. Artigo apresentado no VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul – Passo Fundo – RS, 2007.

SERPA, A. *Mergulhando Num Mar De Relações: Redes Sociais Como Agentes De Transformação Em Bairros Populares*. GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 30, n. 2, p. 211-222, mai./ago. 2005.